

Tradução

Amor e política

Juliana Oliva

Doutora em Filosofia pela UNIFESP
julie.julianaoliva@gmail.com

Rafaela Ferreira Marques

Doutoranda em Filosofia pela UFSCar
Bolsista CAPES
rmarquesbh@yaho.com.br

A versão do artigo aqui publicada, com a autorização de Sylvie Le Bon de Beauvoir e de Margaret A. Simons, é uma tradução do texto original, publicado em inglês na coletânea *Simone de Beauvoir: Feminist Writings*¹. Mantivemos as notas de Marybeth Timmermann que acompanham a publicação.

Simone de Beauvoir²

Penso que Lise London não pode ser compreendida se não entendermos também o que é o comunismo e o que é ter uma fé absoluta nele³. Lise London é uma mulher heroica. Ela é quem, durante a Ocupação, subiu no balcão em uma loja na esquina da rua Daguerre com a avenida de la Porte-d'Orleans e lançou um apelo a todas

1 BEAUVOIR, S. *Love and Politics*. In: SIMONS, M. A.; TIMMERMANN, M. (ed.). *Simone de Beauvoir: Feminist Writings*. Urbana, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, 2015, pp. 103-105.

2 BEAUVOIR, S. *Amour et politique*. *Le nouvel observateur* 222, Fevereiro 10-16, 1969, 23; © Sylvie Le Bon de Beauvoir. O artigo da revista foi precedido pela seguinte introdução editorial: "Muitos dos que leem a admirável 'Confissão' de Artur London (um dos quatorze acusados no julgamento em Slansky que ocorreu em Praga em 1951), se perguntaram como sua esposa Lise pôde acreditar, por um único instante, que seu marido era culpado. Ela o conhecia desde que ela tinha quinze anos como um homem e como um ativista no Partido Comunista. Artur London, ex combatente na Guerra Civil da Espanha e herói da Resistência Francesa, foi preso pela Gestapo, torturado e então deportado; ele resistiu a tudo. Quando foi preso em 1951 – desta vez por seus 'amigos' – ele era Vice-ministro das Relações Internacionais na Tchecoslováquia. Denunciado como um traidor, ele terminou o admitindo. Primeiro, consumida por dúvidas, sua esposa Lise London acabou por fim acreditando que a acusação era fundamentada. O que a levou àquela conclusão? Entrevistada por Jean Carlier da Rádio Luxemburgo, Simone de Beauvoir responde a essa e a outras perguntas".

3 Lise London (1916–2012), uma militante comunista por toda a sua vida, era a viúva de Artur Gerard London (1915–86), oficial de alta-patente da Tchecoslováquia Comunista. Em 1951, ele foi injustamente acusado de trair seu país e se tornou uma das vítimas no julgamento público (*show trial*) em Slansky, que era parte de uma purificação de elementos "desleais", inspirada em Joseph Stalin, nos Partidos Comunistas nacionais na Europa Central, bem como uma purificação de judeus da liderança de Partidos Comunistas. Depois de sua libertação e reabilitação, Artur, em colaboração com Lise, escreveu um poderoso relato autobiográfico de sua provação. Cf. *L'aveu* (Paris: Gallimard, 1968), e *Le nouvel observateur* 217 (January 6, 1969). *L'aveu* foi traduzido como *The Confession* por Alastair Hamilton (New York: Morrow, 1970).

as mulheres da França, dizendo-lhes que deveriam resistir e ajudar seus maridos a resistir de toda maneira possível. A propósito, era uma demonstração organizada: elas cantaram *La Marseillaise*, e havia o FTP ali para defender Lise London⁴. Quando os alemães chegaram, eles foram atacados pelos FTP e houve mortes nos dois lados. Lise London conseguiu escapar, mas mais tarde, ela foi presa, torturada e deportada. Antes da guerra, ela lutara na Espanha, e, por toda sua vida, foi uma ativista.

O comunismo era sua fé, sua crença incondicional na União Soviética e em Stalin. Depois da vitória, ela manteve sua fé absolutamente intacta. Acreditou em duas coisas que se fundiram em uma: seu marido e o comunismo. Ela mesma havia imaginado como seria, para uma militante, perceber que seu marido era um traidor já que, durante o julgamento de Rajik⁵, ela disse a ele “deve ser terrível ser a esposa de um militante comunista a quem você ama e admira, e perceber que ele era um traidor e que suas crianças tem um traidor como pai”.

[...] ⁶ Quando seu marido foi preso, ela pensou que ela estava naquela situação. Então ela lutou o quanto pôde para se recusar a acreditar nisso, mas o que finalmente era mais convincente do que a sua convicção era que ela ouvira seu marido admiti-lo. Então, na mesma medida em que ela confiava nele – o que é exatamente a razão para o dilema ser terrível – ela acreditava em sua confissão. Até que ele não tivesse confessado, ela dizia “Não, isso não é possível”, mesmo quando seus camaradas, ou quando alguém mais estivesse murmurando “Alguma coisa não está muito certa”.

Quando ela o ouviu confessar, ela pensou: “Ele nunca disse nada à Gestapo; ele nunca teve uma fraqueza em seu caráter; ele é um homem sincero e honesto; portanto, se ele confessa, deve ser verdade!”.

“Portanto, ele é culpado”

Foi um pouco como uma tentação religiosa. Ela pensou: “É meu amor por ele que me previne de acreditar que ele seja culpado, mas eu devo ser uma boa comunista e dominar o que vem do meu amor por ele. Portanto, ele é culpado”.

Penso que foi para resistir àquilo para o qual o seu amor a empurrava a acreditar, que ela fez o que era talvez um pouco mais do que era necessário, e escreveu aquela carta na qual ela dissociava-se completamente dele.

Mas o que é tocante também, é que na primeira vez em que ela pôde vê-lo sozinho, na prisão, e suas crianças distraíam a atenção do guarda, London contou-lhe: “Eu não sou culpado; tudo está armado; tudo é falso. Esse julgamento é uma fabricação completa!”. E ela imediatamente acreditou nele, retirando seu pedido pelo divórcio naquele mesmo dia.

4 *La Marseillaise* é o hino nacional francês, que tece sua origem na Revolução Francesa, e cuja letra é um chamado para a batalha contra opressores invasores; the *Francs Tireurs et Partisans* (FTP) era a ala militar do Partido Comunista Francês e tornou-se uma organização militar ativa da Resistência.

5 László Rajik era um comunista e político húngaro, que servia como Ministro do Interior e Ministro das Relações Internacionais. Em 1949, ele foi injustamente acusado e torturado a confessar traição em seu julgamento público em Budapeste. Rajik, junto com Dr. Tibor Szönyi e András Szalai, foi sentenciado à morte.

6 Essas reticências entre colchetes aparecem no artigo original; *Le nouvel observateur* aparentemente imprimiu apenas excertos da entrevista mais longa que foi transmitida na Rádio Luxemburgo. Isso acontece uma outra vez, no segundo para o último parágrafo.

E depois daquilo, ela lutou incessantemente por ele com toda convicção, energia e também, devo acrescentar, eficiência possíveis. Tanto que, imediatamente, London encontrou-se intimamente unido a ela e viveram *juntos* durante todo período em que ele esteve preso, do modo mais harmônico, e desde então eles continuam a viver em absoluta harmonia. [...] Não sinto, absolutamente, que tenho direito de criticar essa mulher. Eu mesma nunca tive uma convicção política tão incondicional quanto à dela. Não a entendo completamente por dentro – não posso me colocar exatamente em seu lugar – mas eu posso entender, de fora, que dada a sua fé política e dado que nem ela ou seu marido nunca duvidaram da legalidade dos julgamentos, ela estava chateada e acreditou por um momento que seu marido era culpado.

Deve-se entender que eles se amavam por meio da política e que para eles não era verdade, não é verdade que “o amor perdoad tudo” – uma expressão que, a propósito, é um clichê sem muito sentido.

Recebido em: 31/Out/2019 - **Aceito em:** 01/Dez/2019.